



## A ANT VAI A CAMPO: TEORIA ATOR REDE, CRÍTICA E A CONTRIBUIÇÃO DE JOHN LAW

Maria Fernanda Rios Cavalcanti<sup>1</sup>

Rafael Alcadipani<sup>2</sup>

### RESUMO

Em anos recentes, muito vem sendo debatido a respeito de alternativas às ditas “abordagens representacionais” nos estudos das organizações (Lorino *et al*, 2011; Beyes & Steyaert, 2011; Alcadipani & Hassard, 2010). Tais discussões costumam destacar o aspecto processual e fluido da organização que não pode ser tomada como um fim ou um objeto estático e, por isso, exige outras formas de explorar seu fenômeno (Weick, 1967; Cooper, 1976). Neste contexto, uma abordagem que surge com relevante popularidade é a Teoria Ator Rede (Callon, 1986; Callon & Latour, 1981). Todavia, tal abordagem tem servido como alvo de diversas críticas, que dizem respeito principalmente ao seu caráter ou potencial político/crítico (ver Lee & Brown, 1994; Whittle & Spicer, 2008). Tendo em vista tal contexto, o objetivo deste trabalho é colocar em pauta a validade de tais críticas por meio do resgate das discussões levantadas por um dos autores que mais disseminou e suscitou idéias a respeito da ANT nos estudos organizacionais: John Law. Ao resgatar as idéias deste autor, o presente trabalho pretende contribuir no sentido de oferecer um melhor entendimento acerca da aplicação da ANT no estudo das organizações, como tal abordagem pode ser definida, e quais suas implicações quando a mesma foi levada a campo pelo pesquisador inglês.

**Palavras-Chave:** Teoria Ator Rede – Pós-Estruturalismo – Crítica

### 1. Introdução

Desde meados do século passado, alternativas à ontologia do *mainstream* nos estudos das organizações vêm sendo debatidas. Cooper (1976) com seu artigo “*The Open Field*” publicado no prestigioso *Human Relations* foi um dos precursores neste sentido. Este trabalho teve como objetivo definir uma epistemologia do processo que seria uma base necessária para o entendimento das ações humanas. Thanem (2001) afirma que com este trabalho Cooper tornou-se um dos primeiros autores nos estudos organizacionais a propor uma abordagem diferente para a compreensão do fenômeno organizacional. A abordagem do autor diferenciava-se das abordagens do *mainstream* teórico uma vez que essa argumentava a favor da necessidade de se pensar a ação humana e o exercício do pensamento em termos difusos e processuais, ao contrário de tratá-los enquanto

---

<sup>1</sup>[mfcavalcanti@gmail.com](mailto:mfcavalcanti@gmail.com)

<sup>2</sup>[Rafael.alcadipani@fgv.br](mailto:Rafael.alcadipani@fgv.br)



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

fenômenos definidos por uma realidade previamente constituída, racional e objetiva. A crítica do autor é cerceada pelo argumento de que tal abordagem mata, de ante-mão, a própria possibilidade de se pensar a respeito dos fenômenos que encontramos em nosso dia-a-dia.

Anos mais tarde, com o surgimento do *Critical Management Studies*, categorias como a “organização” e “estrutura” passam a ser sistematicamente criticados enquanto os mesmos são tomados como representações acuradas de objetos ou de uma realidade natural. Passa-se a argumentar que tal abordagem não traz reflexão a respeito do processo por meio do qual estas representações são construídas e impostas (Cooper & Burrell, 1988). Vê-se que tal visão era resultado de uma abordagem representacional que aos poucos passou a ser questionada neste campo com o surgimento de abordagens onto-epistemológicas distintas (ver Burrell & Morgan, 1979; Morgan & Smircich, 1980; Morgan, 1990; Cunliffe, 2010).

Neste contexto, uma abordagem com especial apelo empírico e que surge com considerável popularidade é a Teoria Ator Rede (Callon, 1986; Callon & Latour, 1981). A Teoria Ator-Rede (que aqui chamaremos de ANT em referência à sua denominação em inglês, *Actor Network Theory*) toma a organização não enquanto um dado pronto ou uma instância absolutamente bem delimitada, estável e representável, ao invés disso, esta abordagem foca-se no organizar ou na organização enquanto um processo instável, temporário, negociado, e nunca inteiramente performed. Law (2007) pontua que a origem desta visão de organização estaria vinculada ao pós-estruturalismo.

Todavia, tal abordagem tem servido como alvo de diversas críticas, que dizem respeito principalmente ao seu caráter ou potencial político/crítico (ver Lee & Brown, 1994; Whittle & Spicer, 2008). Whittle e Spicer (2008) foram dois críticos veementes desta abordagem, e argumentam que a ANT seria incompatível a uma abordagem crítica, uma vez que tal abordagem estaria calcada por uma ontologia naturalizante, uma epistemologia não-reflexiva e uma política voltada para a “performance”. Lee e Brown (1994), por sua vez, argumentam que a ANT ignora a alteridade, o que teria consequências desastrosas para uma abordagem crítica do fenômeno organizacional.

Apesar de já existirem trabalhos que buscam dar respostas a algumas dessas afirmações (eg Law & Hassard, 1999; Alcadipani & Hassard, 2010), o objetivo deste trabalho é colocar em pauta a validade destas críticas por outro viés: por meio do resgate das discussões levantadas por John Law em alguns de seus muitos trabalhos que discutem a ANT. Tais trabalhos trazem discussões teóricas a respeito da ANT e abordagens correlatas. Traremos à pauta, também, as discussões presentes em pesquisas empíricas realizadas pelo pesquisador inglês.



Tendo em vista alcançar o objetivo proposto, primeiramente exploraremos algumas definições da ANT e como a mesma foi abordada por John Law, em seguida traremos à discussão alguns trabalhos empíricos realizados por Law e como o pesquisador desdobrou tal abordagem no campo empírico.

## 2. ANT e a Abordagem de John Law

A Teoria Ator Rede (ANT), também conhecida como “sociologia da translação” (Latour, 2005), surge originalmente no campo de estudos da ciência e tecnologia (*Science and Technology Studies*, ou *STS*) (Woolgar *et al*, 2009). Todavia, apesar de surgir após o advento das abordagens processuais no estudo das organizações, a ANT traz um apelo que lhe fornece um ponto de vista distinto das demais, ao focar o olhar do pesquisador não somente no elemento “humano” ou “social” das organizações, mas voltar-se também com igual atenção às materialidades que constituem sua realidade (Law, 1994; Bloomfield & Vurdubakis, 1999; Czarniawska & Hernes, 2005; Alcadipani & Tureta, 2009; Alcadipani & Hassard, 2010; Durepos & Mills, 2011).

Law (2002) explica que tal abordagem acarreta um olhar diferenciado sobre os objetos, e estes passam a ser considerados como contingentes a toda uma complexidade que necessita ser abarcada pela análise do pesquisador. O autor coloca que os objetos empíricos, vistos desta forma, não podem ser vistos como um fim em si mesmos (ou como *entidades*), mas devem ser vistos como manifestações de arranjos mais ou menos estáveis de uma rede de relações que vieram a possibilitar sua existência ou a produzi-lo. Sendo assim, o objeto adquire existência somente enquanto esta rede mais ou menos estável também existir (Law, 1994; 1999).

Law e Singleton (2005) pontuam, todavia, que tal definição do objeto exige certo cuidado. Isto se dá devido às críticas sofridas pela ANT que dizem respeito ao fato da abordagem supostamente dar ênfase a compreender como as redes de relações e os objetos tornam-se *estáveis*, ignorando uma série de outros arranjos (como elas se modificam, por exemplo). Os autores observam, todavia, que conceitualmente falando esta não seria uma crítica válida, já que um objeto, segundo a definição da ANT, seria da ordem de uma caixa-preta que contém/ é contido por uma rede de infindáveis relações.

Segundo Law (1992), este olhar estaria intrinsecamente ligado, no estudo das organizações, a uma “mecânica do poder”. O autor argumenta que quaisquer que sejam as organizações a serem estudadas (da IBM a um pequeno negócio de bairro, por exemplo), elas devem ser estudadas e analisadas da mesma forma, ou pelo mesmo viés. Sendo assim,



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

se a IBM é maior e mais poderosa do que a padaria do bairro, deve-se estudar como isso se deu, a mecânica do poder que sustentou e/ou sustenta esta diferença. O autor não afirma, todavia, que não exista diferença entre as duas organizações hipotéticas. Conclui-se que se existe uma diferença entre ambos os objetos, e é isso precisamente que deve ser analisado. A diferença aqui colocada se dá pois a IBM, no caso, parece ter adquirido uma existência “macro social”, que torna nebuloso justamente a mecânica do poder que culminou no surgimento desta entidade.

This, then, is the core of the actor-network approach: a concern with how actors and organizations mobilize, juxtapose, and hold together the bits and pieces out of which they are composed; how they are sometimes able to prevent those bits and pieces of following their own inclinations and making off; and how they manage, as a result, to conceal for a time the process of translation itself and so turn a network from a heterogeneous set of bits and pieces with its own inclinations, into something that passes as a punctualized actor (Law, 1992:386).

Law (1986b) definiu o problema do poder aqui colocado como uma análise sobre como atores e coletividades tentam constantemente dominar agentes e objetos naturais que podem resistir a tal investida. Law (1994) explica que a ANT estaria, portanto, interessada em uma análise simétrica da “organização”, seu foco de análise seria, portanto nas artimanhas que levaram os grandes e poderosos a tornarem-se grandes e poderosos. Neste sentido, vamos rebatida a crítica de que a ANT seria politicamente neutra, uma vez que tal abordagem estaria especialmente preocupada em analisar as artimanhas dos poderosos.

Todavia, segundo Alcadipani e Hassard (2009), o poder seria para esta abordagem apenas uma das lentes analíticas trazidas pela ANT, não uma analítica que privilegie o conceito de poder ou relações de poder como “o” elemento capaz de explicar uma organização. Segundo Alcadipani e Hassard (2009), um corpo substancial de literatura foi gerado na tentativa de dar conta da questão política na ANT (conhecido como “*ANT and After*”, destacando-se a publicação de Law & Hassard, 1999). Neste livro, Law (1999b) argumenta que determinadas críticas apenas fazem sentido se a ANT é tomada como uma teoria “morta”, ou quase como uma “religião”, que tem um território delimitado que precisa ser defendido (não se descarta, todavia, que isto tenha ocorrido em alguns casos, como nos casos em que a ANT foi aplicada de forma a assemelhar-se mais com teoria institucional do que com uma teoria crítica). Pontua-se, todavia, que tal condição seria contraditória ao próprio motor da ANT, que é sua capacidade de dar conta de complexidades deixadas de lado no processo de privilegiar instâncias de análise específicas em detrimento de outras.

No entanto, é preciso esclarecer o ponto colocado por Law (1994), que ressalta que a ANT está especialmente preocupada com *materialidades* (não simplesmente humanas) das redes heterogêneas que compõem o processo de translação. Um exemplo empírico que figura tal heterogeneidade clássica por adeptos da STS é o laboratório (ver Lynch, 1985; Law, 1994; Latour & Woolgar, 1997). A ANT considera que o conhecimento científico, assim como qualquer outro objeto de estudo, é produto de um trabalho árduo por meio do qual pequenas partes e arranjos – tubos de ensaio, reagentes, organismos, animais, radiação, outros cientistas, outros laboratórios, computadores, etc. – são submetidos a um processo de organização que os conjuga. A ciência seria, portanto, um processo de “engenharia heterogêneo”, onde partes do social, do técnico, do conceitual, do textual, são conjugados e, assim, convertidos ou “transladados” em produtos científicos que por sua vez são também heterogêneos.

O autor inglês apresenta um conceito de “modos de organizar” que nos ajuda a compreender ou analisar tal processo. Segundo Law (1994), sua noção de modos de organizar aproxima-se em parte da noção de “pequenas narrativas” de Lyotard, um dos mais proeminentes autores a pensar o pós-modernismo. Todavia, o autor inglês opta por não utilizar tal conceito de forma estrita para, segundo ele, não passar a impressão de que as narrativas por ele tratadas seriam apenas uma maneira de falar sobre o mundo. Ao invés disso, ele frisa o caráter material da noção de modo de organizar, que seriam padrões recursivos encarnados, testemunhados, gerados e reproduzidos como manifestações da rede heterogênea de relações humanas e não-humanas que constitui uma organização. Neste sentido, um modo de organizar vai além de uma mera narrativa.

É neste sentido, também, que Law (1999b) argumenta que a ANT é uma “semiótica da materialidade”. Para Law (2002), o aspecto relacional que caracteriza a existência dos objetos aproxima-se da abordagem semiótica pós-estruturalista, já que segundo a mesma um termo adquire sentido somente a partir das relações que este termo estabelece em uma rede de significantes. Outro aspecto que aproxima a TAR de uma abordagem pós-estruturalista diz respeito ao ponto em que a primeira distancia-se do estruturalismo, ou seja, diz respeito ao apelo pós-estruturalista de considerar o contexto material mais amplo nesta rede de relações (ou seja, ao considerar redes heterogêneas de relações). Percebe-se que a ANT se afasta de uma abordagem pós-estruturalista no sentido estrito que é comumente encontrado nos estudos organizacionais (estudos que privilegiam a instância lingüística sobre as demais para compreender as organizações (Jones, 2009), inclusive podendo ser considerada uma resposta à crítica de que abordagens pós-estruturalistas possuem um foco excessivo em elementos linguísticos (ver Reed, 2000).

Argumenta-se que a TAR fornece meios analíticos que possibilitam identificar os modos de organizar de uma rede-de-atores, isto é, padrões recursivos encarnados, testemunhados, gerados e reproduzidos por uma rede de atores. Neste sentido, conforme afirmam Alcadipani & Hassard (2010), a ANT pode ser vista como uma abordagem metodológica, já que ela oferece um ponto de vista singular que diz respeito tanto a uma postura do pesquisador ao ir a campo quanto oferece ao mesmo uma série de ferramentas analíticas



para a produção de conhecimento narrativo a respeito de organizações ou outros fenômenos.

O pesquisador inglês resumiu alguns princípios metodológicos que guiam tal abordagem (Law, 1986b; 1994). O primeiro deles seria o princípio de simetria. A base de tal princípio é a afirmação de que *tudo* merece uma explicação (nos estudos sobre a prática científica, por exemplo, tanto as origens do conhecimento verdadeiro quanto do falso merecem ser explicadas). Segundo esta lógica, deve-se questionar inclusive por que há uma distinção entre atores humanos e não-humanos (já que não se pode assumir nenhuma diferença essencial contida na natureza das coisas).

O segundo princípio metodológico seria o não-reducionismo, que imprime uma crítica à prática padrão da sociologia moderna de explicar uma grande diversidade de fenômenos (como, por exemplo, o “social” em Latour, 2005, ou a “classe operária”, etc.). Adotar tal princípio acarreta um compromisso em partir para o campo sem conceitos prontos, ou reduções *à priori*. Outro princípio destacado por Law (1994) diz respeito à visão processual, contingente e precária do objeto analisado. Isto quer dizer que nada pode ser encarado como necessariamente estável, e sua própria consistência é um produto da rede de relações que o formam.

Finalmente, o autor sugere a reflexividade como outro princípio metodológico. Law (1994) afirma que a reflexividade pode ser vista como uma extensão do princípio de simetria, e diz respeito ao fato de que o pesquisador não pode considerar-se diferente daquilo que está sendo estudado, ou seja, ele não ocupa um lugar privilegiado na análise e também é considerado parte da rede de atores.

Tais princípios definem claramente uma certa postura que deve ser adotada pelo pesquisador que deseje partir de uma problemática não representacional no estudo das organizações. No próximo tópico exploraremos alguns dos trabalhos empíricos de John Law e como os mesmos suscitaram discussões acerca da ANT e as implicações de tal abordagem no processo de pesquisa.

### **3. A ANT vai a Campo: John Law e as Políticas do Organizar**

Em 1988, John Law iniciou uma pesquisa que buscava compreender a organização, gestão e sucesso de mercado da ciência, e partiu em busca de acesso a um grande laboratório para





# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

conduzi-la. Levando em frente o conceito de “pequenas narrativas”, a primeira estória contada por Law sobre a pesquisa foi a estória de como o acesso foi obtido. Por meio desta estória, pesquisador destacou não só o papel importante de seu contato na universidade que lhe apresentou os membros do conselho de gestão do laboratório, mas também a importância de seu projeto de pesquisa e de como o mesmo foi apresentado apropriadamente nas reuniões que negociação para o acesso com diversos gerentes do laboratório. Law (1994) conclui que o que culminou na aprovação de seu acesso, foi sua habilidade em conjugar uma série de “*bits and pieces*” em favor de seu projeto.

O autor permaneceu no campo por um ano, e relatou seu crescente envolvimento com o laboratório, com as pessoas que ali trabalhavam, e como, por um lado, o arranjo feito na negociação de acesso que qualquer publicação resultante da pesquisa seria antes apresentada à direção do laboratório e, por outro, seu próprio sentimento de pertença e apego às pessoas que ali trabalhavam passaram a afetar diretamente sua capacidade em escrever pontos de vista que poderiam vir a prejudicar a instituição. Para lidar com esta ambivalência, o autor relata ter procedido da seguinte forma:

[...] what I'm after, though it's illustrated by talking about events in the Laboratory, is not very often about the Laboratory as such at all. In other words, I'm chasing after issues in the social theory, not matters to do with Daresbury [...] (Law, 1994: 39).

Mais especificamente, o motor de sua análise foi buscar analisar as práticas de organizar do laboratório, os “sonhos” de *ordem* dos gerentes, e como os mesmos *organizavam*. Para tanto, Law (1994) conduziu uma etnografia. Os primeiros relatos da pesquisa passam, portanto, nas dificuldades trazidas por esta abordagem, as ansiedades causadas e como o pesquisador lidou com ela. O inglês relata que a maior parte dos acontecimentos ocorridos no Laboratório durante o tempo de campo não foram contabilizadas como dados para sua pesquisa, isso se deu pelos seguintes motivos: não foram presenciados pelo pesquisador; não pareceram importantes; falha em anotar/gravar os acontecimentos e esquecer-se deles; o pesquisador não compreendeu seu sentido; etc. Outra questão envolvida no problema de transformar acontecimentos em dados diz respeito ao próprio sistema de *tradução* envolvido neste processo, que não oferece garantias de fidedignidade ao acontecimento. O autor então relata o que *fazer* uma etnografia foi para ele:

It is about seeing, hearing, noticing, sensing, smelling, and then ranking it over and trying to make sense out of it. And, to be sure, also recognizing the ‘non-sense’ in it too [...] So, like any other mode of ordering, data are relational effects. But they are *changing* relational effects, for they are the product of dynamic networks rather than synchronic structures. So, if they stand still for a moment then this is because they have achieved some kind of pragmatic, temporary stability, an ordering pattern, encountered



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

resistances, which momentarily domesticate both the material and its audiences. Or perhaps it is because time, energy, enthusiasm or life itself have run out (Law, 1994: 50-1).

O autor relata, então, a importância das histórias do Laboratório para sua pesquisa, já que segundo sua visão tais histórias falam muito mais a respeito dos modos de organizar do presente do que do passado. Elas justificam e explicam o presente, consubstanciando as redes de atores que compõem a organização do laboratório (Law, 1994). Com isto em mente, o pesquisador destrinchou os modos de organizar da então liderança do laboratório e como as decisões eram tomadas no mesmo, que por sua vez vêm reconhecidamente por parte do autor embutidos de algumas simplificações necessárias.

Mol e Law (1994), em outro estudo empírico, analisaram a anemia na Holanda e África. Os pesquisadores retrataram que na África era difícil constituir a rede necessária para testar cientificamente os níveis de hemoglobina no sangue dos pacientes. A alternativa dos médicos era diagnosticar a anemia clinicamente de maneira simples (olhando as pálpebras, por exemplo). A Holanda, por outro lado, tinha tais redes disponíveis e facilmente utilizáveis para tanto. Além disto, quando médicos holandeses iam para a África e deparavam-se com a realidade ali presente, concluíam também que os próprios sintomas que, clinicamente, possibilitariam o diagnóstico mudavam já que na África um paciente apresentando cansaço, abatimento, dificuldade em respirar, poderia estar sendo acometidos de males diversos.

Em um artigo escrito com Singleton (Law e Singleton, 2005) os autores citam outro exemplo estudado na África, o caso de uma bomba instalada em uma vila no Zimbábue. Neste caso, Law e Singleton (2005) pontuam que a bomba modifica-se (em termos de aparência e funcionamento) segundo as circunstâncias do local onde a mesma era instalada. Tal característica adaptativa era a razão de sua ampla utilização em muitas vilas do Zimbábue (Law & Singleton, 2005; Law, 2004).

A exigência de considerar objetos como uma organização fluida, para Mol e Law (1994), implica dizer que não existe um ponto de vista privilegiado a respeito dos mesmos já que eles nunca se mostram bem definidos ou com contornos nítidos. Apesar disto, em outro trabalho que buscou investigar empiricamente a organização da “doença do fígado causada por alcoolismo”, Law e Singleton (2005) afirmam que há a necessidade de conservar uma continuidade que vai além da fluidez, e que a fluidez por sua vez (conforme visto no exemplo da bomba no Zimbábue) tende a fortalecer os objetos (Law and Singleton, 2004).





# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

Todavia, Law e Singleton (2004) afirmam que pesquisar este tipo de objeto (neste caso a doença do fígado causada por alcoolismo ou *alcoholic liver disease*) exige um tipo de radicalismo ontológico e metodológico, segundo os autores:

[...] we establish that a fluid, shape shifting, and name-changing object is indeed a conceivable possibility: that this is not ruled out by prior methodological commitments to particular and limited versions of clarity. Thus our argument is that in our study we weren't simply suffering from confusion as we moved between different names (for instance alcoholic liver disease, alcoholic cirrhosis, alcoholic hepatitis, or alcoholism) but rather learning something about a real, albeit difficult, object (Law & Singleton, 2004: 10)

Este radicalismo ontológico/metodológico requerido por objetos complexos como o citado levanta a necessidade de tratar a complexidade na prática. Mol e Law (2002) retornam, então, à ideia de modos de organizar apresentada em Law (1994) e afirmam que são estes modos de organizar que trazem consigo toda uma multiplicidade de relações complexas são o que necessitam ser compreendidos na prática. Law (1999a; 2002; 2004) tentou dar conta desta noção de multiplicidade por meio da noção de fractal. Segundo o autor, um fractal é um objeto que ocupa “mais de uma porém menos do que muitas dimensões”. Esta ideia foi utilizada pelo pesquisador inglês para tentar dar conta de um projeto aeronáutico que falhou na Grã-Bretanha. A respeito da necessidade de compreender tal multiplicidade empiricamente foi pontuada por Law e Urry (2004):

[...] The argument is neither relativist nor realist. Instead, if the real is produced in thoroughly non-arbitrary ways, in a dense and extended set of relations, it is produced with considerable effort, and it is much easier to produce some realities than others. In sum, we are saying that the world we know in social science is both real and it is produced (395-6)

O que está pontuado aqui diz respeito ao fato de que, mesmo se estamos falando de uma postura empiricista de produzir conhecimento a respeito da complexidade, uma abordagem metodológica não representa ou acessa uma realidade previamente constituída, mas as uma metodologia participa e é expressão de uma realidade que é uma realidade própria à postura metodológica adotada.

Este ponto é muito importante, pois diz respeito à crítica feita por Whittle e Spicer (2008) a uma suposta neutralidade política da ANT. Uma vez que se considera o fato de que abordagens metodológicas *criam* realidades e, assim, estão diretamente envolvidas no processo de criação do real que se dá na ciência social, considera-se que métodos são imediatamente políticos. A respeito desta preocupação com o que chamaram de uma “política ontológica”, os autores afirmam:



[...] if social science is to interfere in the realities of the world, to make a difference, to engage in an ontological politics, and to help shape new realities, then it needs tools for understanding the complex and the elusive. This will be uncomfortable [...] We shall need to alter academic habits and develop sensibilities appropriate to a methodological decentring. Method needs to be sensitive to the complex and the elusive. It needs to be more mobile. It needs to find ways of knowing the slipperiness of 'units that are not' as they move in and beyond old categories (Law & Urry, 2004: 404).

A necessidade de tal política ontológica ficou especialmente claro no estudo empírico de Law e Singleton (2005) a respeito da doença do fígado causada pelo alcoolismo. Conforme pontuado por Alcadipani e Hassard (2010) o que a ANT vista sob tal ponto oferece é uma base analítica para as *políticas do organizar*. Todavia, ao propor que tal base deva ser utilizada *na prática*, não impõe uma solução geral a todas as questões, mas frisa que intervenções políticas podem apenas ser feitas localmente e empiricamente, jamais podendo servir como base para uma teoria que visa ser universal.

#### 4. Considerações Finais

Neste trabalho vimos que John Law foi um autor crucial para o desdobramento da ANT nos estudos organizacionais, não só pelo fato de o autor apresentar argumentos que rebatem críticas comumente feitas à tal abordagem nos estudos organizacionais, mas também pelo fato do pesquisador inglês nunca ter deixado de pensar criticamente a respeito desta abordagem (fazendo críticas a algumas aplicações da mesma, bem como as ressalvas necessárias a outras críticas).

Vimos também que se trata de um pesquisador que buscou levar seu pensamento pro campo, e que ressaltou por meio de exemplos empíricos as características mais importantes desta abordagem e, principalmente, como o processo de pesquisa desenvolve-se necessariamente em um processo de intervenção política (que deve ser pensado tanto ontológica quanto metodologicamente). A necessidade de se pensar a respeito das nuances da *política do organizar* e sua exploração empírica é, portanto, o ponto crucial a que chegam os trabalhos de Law aqui tratados. Tal necessidade está em consonância com a potencial contribuição da ANT aos estudos organizacionais críticos uma vez que, segundo a visão do principal autor aqui tratado, ela fornece uma base ontológica alternativa à ontologia do *mainstream*, que busca acolher a complexidade e permite tratar de uma gama extremamente variada de temas com implicações políticas no mundo organizacional, desde que seguidos os princípios básicos aqui colocados.



## Referências

- Alcadipani, R. & Hassard, J. (2010). Actor-Network Theory, organizations and Critique: towards a critique of organizing. *Organization*, 17(2): 419-435
- Alcadipani, R. & Tureta, C. (2009). Teoria ator-rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo. *Cadernos EBAPE.br*, 7(3): 406-418.
- Bloomfield, B. P. & Vurdubakis, T. (1999). The Outer Limits: Monsters, Actor Networks and the Writing of Displacement. *Organization*, 6(4): 265-649.
- Burrell, G. & Morgan, G. (1979). *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. Hants: Ashgate Publishing Limited.
- Callon, M. (1986). Some Elements of a Sociology of Translation - Domestication of the Scallops and the Fishermen of St-Brieuc Bay. *Sociological Review Monograph*: 196-233.
- Callon, M. & B. Latour (1981). Unscrewing the big leviathan : how actors macro-structure reality and how sociologists help them do so. In: K. Knorr-Cetina and A. Cicourel (Eds) *Advances in Social Theory and Methodology: Toward an Integration of Micro and Macro Sociologies* (277-303), Londres: Routledge.
- Cooper, R. (1976). The Open Field. *Human Relations*, 29(11): 999:1017.
- Cooper, R. & Burrell, G. (1988). Modernism, Postmodernism and Organizational Analysis: An Introduction. *Organization Studies*, 9(1): 91-112.
- Cunliffe, A. (2010). Crafting Qualitative Research: Morgan and Smircich 30 Years On. *Organizational Research Methods OnlineFirst*, 00(00), 1-27.
- Czarniawska, B. & Hernes, T. (2005). Constructing Macro Actors According to ANT. In B. Czarniawska, B. & Hernes, T. (Eds.) *Actor-Network Theory and Organizing* (7-13). Malmo: Elanders Berlings.
- Durepos, G. & Mills, A. J. (2011). Actor-Network Theory, ANTi-History and critical organizational historiography. *Organization, online first*: 1-19.
- Jones, C. (2009). Poststructuralism in Critical Management Studies. In: M. Alvesson, T. Bridgman & H. Willmott (Eds.) *The Oxford Handbook of Critical Management Studies* (76-98). Oxford: Oxford University Press.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the Social: An Introduction to Actor Network Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Latour, B. & Woolgar, S. (1997). *Vida de Laboratório*. Rio de Janeiro: Relume Dumara.



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

- Law, J. (2007). "Actor Network Theory and Material Semiotics." Acesso em 05/09/07, 2007, <http://www.heterogeneities.net/publications/Law-ANTandMaterialSemiotics.pdf>.
- Law, J. (2004). *After method : mess in social science research*. Londres: Routledge
- Law, J. (2002). Objects and Spaces. *Theory, Culture, Society*, 19(5/6): 91-105.
- Law, J. (1999a). Objects, Spaces and Others. Acesso em 10/05, 2004, <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Objects-Spaces-Others.pdf>.
- Law, J. (1999b). After ANT: complexity, naming and topology. In: J. Law and J. Hassard (Eds) *ANT and After*. Oxford, Blackwell/Sociological Review: 1-14.
- Law, J. (1997). The Manager and His Powers. Acesso em 18/10, 2005, <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Manager-and-his-Powers.pdf>.
- Law, J. (1994). *Organizing Modernity*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Law, J. (1992). Notes on the theory of the Actor-Networking: ordering, strategy and heterogeneity. *Systems Practice*, 5(3): 379-373.
- Law, J. (1986a). On Power and Its Tactics - a View from the Sociology of Science. *Sociological Review* 34(1): 1-38.
- Law, J. (1986b). On the Methods of Long-Distance Control - Vessels, Navigation and the Portuguese Route to India. *Sociological Review Monograph*: 234-263.
- Law, J. & M. Callon (1988). Engineering and Sociology in a Military Aircraft Project: A Network Analysis of Technical Change. *Social Problems*, 35(2): 284-297.
- Law, J. & J. Hassard (1999). *Actor network theory and after*. Oxford, Blackwell/Sociological Review.
- Law, J. & A. Mol (2001). Situating technoscience: an inquiry into spatialities. *Environment and Planning D-Society & Space*, 19(5): 609-621.
- Law, J. & Mol, A. (1998). On metrics and fluids – notes on otherness. In: R. Chia (Ed.) *Organized Worlds – Explorations in technology and organization with Robert Cooper* (20-38). Londres: Routledge.
- Law, J. & V. Singleton (2005). Object lessons. *Organization* 12(3): 331-355.
- Law, J. & Urry, J. (2004). Enacting the Social. *Economy and Society*, 33(3): 390-410.
- Lee, N. and S. Brown (1994). Otherness and the Actor Network - the Undiscovered Continent. *American Behavioral Scientist*, 37(6): 772-790.
- Lynch, M. (1985). *Act and artifact in laboratory of science*. Londres: Routledge.
- Mol, A. and J. Law (1994). Regions, Networks and Fluids - Anemia and Social Topology. *Social Studies of Science*, 24(4): 641-671.



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

- Morgan, G. (1990). Paradigm diversity in organizational research. In: J. Hassard, & D. Pym (Eds.) *The theory and philosophy of organizations* (13-29). Londres: Routledge.
- Morgan, G. & Smircich, L. (1980). The Case for Qualitative Research. *Academy of Management Review*, 5(4): 491-500.
- Reed, M. (2000). The limits of discourse analysis in organizational analysis. *Organization*, 7(3): 524-530.
- Thanem, T. (2001). Processing the Body: A Comment on Cooper. *Ephemera*, 1(4): 348-66.
- Weick, K. (1967). *The Social Psychology of Organizing*. New York: McGraw-Hill.
- Whittle, A. & Spicer, A. (2008). Is Actor Network Theory Critique? *Organization Studies*, 29(4): 611-629.
- Woolgar, S. Coopmans, C. & Neyland, D. (2009). Does STS Mean Business? *Organization*, 16(1): 5-30.